Lembrando Wilson Bóia

Sânzio de Azevedo

TIVE oportunidade de ver Wilson Bóia, pela primeira vez, na tela da TV, quando ele, no programa "8 ou 800", por volta de 1980 (se não me falha a memória), respondia a perguntas sobre a vida e a obra de Osvaldo Cruz.

Médico e coronel do Exército, algum tempo depois estava ele em Fortaleza, como Diretor do Hospital Militar.

Não me lembra quando nos aproximamos, mas nunca vou esquecer que, em 1982, três anos depois da publicação que eu promovera de duas obras de Adolfo Caminha, *Tentação* e *No País dos Ianques* (J. Olympio e Academia Cearense de Letras), Wilson Bóia fez estampar, no jornal *O Povo*, de 9 de maio daquele ano, uma "Carta Aberta" dirigida a mim, na qual fazia o elogio do ficcionista cearense e me dizia palavras de incentivo, num momento em que alguns "oficiais do mesmo oficio" procuravam desmerecer o esforço despendido, como se uma obra, por não ser a melhor de um autor, não devesse jamais ser reeditada...

Foi portanto com sincero prazer que aceitei a honra de prefaciar o livro *Antônio Sales e Sua Época*, editado pelo Banco do Nordeste e pela Academia Cearense de Letras em 1984.

No discurso de lançamento do livro, Bóia confessou que, ao pesquisar sobre Osvaldo Cruz, tivera que cruzar o caminho de Antônio Sales, cujas trovas satíricas no *Correio da Manhã*, do Rio, ajudaram a afastar Nuno de Andrade da chefia da Saúde Pública, beneficiando indiretamente o grande higienista, no começo do século XX. E, sendo Wilson Bóia, como foi dito, médico e militar, fez questão de confessar sua admiração pelo poeta que escreveu estes versos:

"Vi um médico fardado;
Que completo matador!
Quem escapar do soldado
Não escapa do doutor."

No prefácio a seu livro, fiz questão de elogiar-lhe a capacidade de pesquisa, pois o autor de *Antônio Sales e Sua Época* não se limitava a transcrever

observações de outrem, ou a compulsar apenas livros, mas mergulhava nas hemerotecas, folheando antigos jornais e não temendo a poeira dos arquivos, lançando luz, como historiador, sobre várias passagens da vida do autor de *Aves de Arribação*.

Publicou ele ainda em Fortaleza *Ao redor de Juvenal Galeno*, em 1986 (obra que tive a honra de apresentar na Casa de Juvenal Galeno) e, em 1988, já ele reformado e residindo em Curitiba, foi publicado, na Capital cearense, o livro *Associações Literárias de Fortaleza*. Tanto em uma obra quanto em outra está revelada sua vocação de pesquisador.

E lá do Paraná, onde foi membro de vários grêmios culturais, entre eles o Centro de Letras, o Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e a Academia Paranaense de Letras, sempre me enviava não apenas trabalhos seus estampados em periódicos, ou livros como *Rodrigo Júnior, o Poeta* e *Newton Sampaio, o Escritor*, ambos de 1990, mas também páginas datilografadas com pesquisas, listas de pseudônimos de escritores e recortes de velhos jornais cearenses, que não sei onde ele conseguia.

Quando eu estava perto de concluir meu livro *O Parnasianismo na Poesia Brasileira*, pedi-lhe alguma coisa do Paraná, já que eu pretendia focalizar a corrente em todos os Estados do Brasil e Wilson Bóia que, em Fortaleza, já me havia dado exemplares de obras esgotadas, desprendidamente me presenteou com três coletâneas de Rodrigo Júnior, *Sonetos da Minha Terra*, *Sonetos do Paraná* (ambas de 1953) e *Antologia Paranaense*, de 1938, esta em parceria com Alcibíades Plaisant.

Ao sair meu livro, no final de 2004, apressei-me em enviar-lhe um exemplar. Não houve nenhum indício de que o houvesse recebido. Escrevi não sei quantas cartas, para o seu endereço e para a Academia Paranaense de Letras, e nada.

Só recentemente recebi, com tristeza, do eminente historiador general Alberto Martins da Silva, médico paraibano residente em Brasília, a notícia de que Wilson Bóia, após meses de enfermidade, havia falecido em 2005.

Dois trabalhos que me enviou esse amigo, publicados ambos no *Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná* em 2005, e de autoria de dois destacados membros da instituição, Raymundo Negrão Torres e Lauro Grein Filho, fazem o justo elogio do intelectual desaparecido, mas não explicitam a data do passamento. No estudo de Lauro Grein Filho, porém, há a afirmação de havê-lo cumprimentado pelo aniversário "três dias antes de seu falecimento". Tendo Wilson da Silva Bóia nascido no Rio de Janeiro no dia 15 de junho

de 1927, é lícito concluir que haja ele falecido em Curitiba no dia 18 de junho de 2005, com a idade de 78 anos.

Logo depois, chegavam-me às mãos cópias dos mesmos textos, desta vez estampados na *Revista da Academia Paranaense de Letras*, gentilmente enviados pelo Presidente da entidade, Túlio Vargas, por sinal autor do discurso de recepção a Wilson Bóia, quando ele ali ingressou.

Por último, recebi da viúva do escritor, Sra. Ana S. Bóia, exemplar do livro de crônicas *Do Fundo do baú*, publicado em 2005, mas postumamente.

Além do gesto extremamente gentil, numa carta manuscrita a Sra. Ana S. Bóia lamenta o fato de o esposo não ter podido ver o livro publicado, e me comove com esta frase: "Fique certo que ele o tinha como grande amigo".

Nunca cheguei a ver o livro de poemas *Lira Selvagem*, com o qual Wilson Bóia estreou nas letras no Rio de Janeiro, em 1948, não podendo por conseguinte julgá-lo como poeta. Posso dizer entretanto que, com a sua morte, perdemos todos um ensaísta de peso e um pesquisador incansável. De minha parte, perdi um amigo que não esquecerei.